

# Novas Interpretações nas Paisagens do Subúrbio Carioca: da Fábrica ao Ócio, do Labor ao Lazer

## New Interpretation of the Carioca Suburban Landscapes: the Factory to Leisure, the Labor to Laze

Renan Caldas Galhardo Azevedo<sup>i</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

Nilton Abranches Junior<sup>ii</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Este trabalho possui como objetivo principal o estudo e a análise das transformações ocorridas durante as últimas décadas em um símbolo da paisagem suburbana carioca e a mudança de sua interpretação, conforme o tempo. Neste caso, trata-se da análise da mudança simbólica de uma antiga fábrica de tecidos existente na Zona Norte carioca, que se transformou em um grande shopping center. Sua nova função introduziu novas práticas e valores urbanos antes não existentes na localidade, que possibilitaram a reinterpretação simbólica e cultural do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Paisagem Urbana; Paisagem Cultural; Simbolismo.

**Abstract:** This work has as main objective the study and analysis of the transformations that have occurred over the past decades a symbol of Rio's suburban landscape and changing their interpretation over time. In this case, it is the analysis of the symbolic change of an old existing textile mill in Rio's north zone, which turned into a major shopping mall. His new role introduced new practices and urban values previously did not exist in the locality, which enabled the symbolic and cultural reinterpretation in the suburbs of the city of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Urban Landscape; Cultural Landscape; Symbolism.

### Introdução

A capital do estado do Rio de Janeiro carrega em sua estruturação enquanto cidade valores e construções culturais que representam diferentes temporalidades ocorridas em

---

<sup>i</sup> Graduando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. renan.azevedo08@outlook.com.

<sup>ii</sup> Professor adjunto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. niltonabranches07@yahoo.com.br.

seu espaço urbano. Essa diversidade de temporalidades pode ser apreendida a partir da observação e do estudo de sua paisagem. Ela se apresenta enquanto um acúmulo de marcas que demonstram todo um modo de vida citadino, testemunhando momentos da história da construção de seu espaço urbano.

Algumas paisagens presentes na cidade conseguem guardar, em sua forma e essência, valores históricos urbanos existentes em tempos pretéritos, expressando como era o modo de vida das localidades observadas em questão. Essas paisagens pretéritas se tornaram símbolos de um passado não tão distante, permanecendo vivas na cidade e expressando toda uma cultura que a produziu em um determinado tempo. De fato, podemos entender que toda paisagem urbana resulta da produção humana, tanto no que tange a sua construção física como também a sua construção e interpretação simbólica.

A Paisagem não existe, objetivamente, nem em si; então, ela é relativa ao que os homens pensam dela, ao que recebem dela e ao que produzem dela. Ela é um tipo de grade (retícula) mental, um véu mental que o ser humano coloca entre ele mesmo e o mundo, produzindo, com essa operação, a Paisagem propriamente dita. (BESSE, 2014, p. 12-13)

Porém, deve-se tomar o devido cuidado de que uma única paisagem pode conter diferentes interpretações, apresentando uma polivocalidade de significados (CORRÊA, 2007), pois a interpretação de uma paisagem depende diretamente de alguns fatores como, por exemplo, o contexto histórico em que está sendo interpretada e o indivíduo ou coletivo que a interpreta.

Partindo dessas premissas, ainda existem paisagens na cidade do Rio de Janeiro que remetem ao passado, guardando valores culturais pretéritos da cidade. Contudo, é necessário entender que algumas dessas paisagens, apesar de guardarem características do passado, tiveram suas interpretações simbólicas modificadas conforme o tempo, devido a diversos motivos. Por esses motivos, é necessário descortinar alguns desses exemplos para que se possa entender melhor como a cidade do Rio de Janeiro se transformou durante as décadas do século XX e continuará a se transformar enquanto *urbem* no século XXI.

O objetivo deste trabalho é entender melhor esse processo de transformação ocorrido no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. Neste caso estudaremos as transformações ocorridas em uma antiga fábrica de tecidos existente no subúrbio da cidade, um símbolo do labor e do progresso fabril/industrial durante grande parte do século XX, que teve sua função e seu simbolismo modificados a partir do fim da década de 1990, ao passar a abrigar um grande shopping center no local. Apesar da troca de sua função e da reinterpretção simbólica, a paisagem ainda consegue guardar parte da recente cultura fabril fluminense.

Para esta pesquisa, a análise documental e bibliográfica foi fundamental. Como metodologia aplicou-se um levantamento bibliográfico acerca da organização espacial do subúrbio carioca, enquanto espaço de ocupação fabril, dando atenção especial aos documentos levantados no acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Esses documentos possibilitaram resgatar a interferência da antiga fábrica na organização do espaço da cidade e a relação da população com a forma urbana que ali se implantava.

## A Expansão da Cidade e a Construção do Subúrbio

Durante décadas a cidade do Rio de Janeiro se limitou a sua área central, sendo delimitada fisicamente pelos morros de São Bento, Castelo, Conceição e Santo Antônio. Mesmo tendo sido capital da colônia e do país durante décadas, o seu crescimento e expansão enquanto cidade podem ser datados a partir do século XIX, quando esta deixa de se localizar preferencialmente em sua área central, indo em direção a novas localidades presentes nos subúrbios da cidade (ABREU, 2006). Essa expansão vai além da expansão horizontal, são “modificações substanciais tanto na aparência como no conteúdo da cidade” (Ibidem, 2006, p. 139).

Uma das principais mudanças ocorridas na cidade, a partir do final do século XIX e início do XX, foi o rápido surgimento das atividades fabris nos subúrbios da capital fluminense, buscando os melhores espaços possíveis para estabelecerem seus processos produtivos (Ibidem, 2006). O direcionamento dessas fábricas para o subúrbio da cidade acarretou transformações diretas no espaço suburbano, possibilitando a construção de uma nova imagem e identidade para as localidades beneficiadas pela criação desses espaços fabris. A partir desta lógica, não podemos esquecer que as fábricas desempenharam um papel importante ao possibilitar a abertura de novos espaços “urbanos”, criando bairros fabris sobre as antigas chácaras e engenhos existentes na área suburbana da cidade. Bairros como Jacarezinho, Maria da Graça, Del Castilho e Bangu, este último retratado por Piñon (2006), foram pioneiros fabris dentro do subúrbio da cidade. Das fábricas instaladas nos bairros ditos anteriormente, podemos destacar a General Eletric em 1921, a Cisper em 1917, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (conhecida também como Fábrica Bangu) em 1889, e a Companhia Nacional de Tecidos Nova América, no ano de 1924 (ABREU, 2006).

O setor têxtil acabou sendo um expoente dentre as novas fábricas que surgiram nos subúrbios, buscando se instalar em terrenos extensos e com particularidades que visavam beneficiar suas atividades. Esse processo de escolha obedecia a um certo padrão de organização espacial, buscando instalar as fábricas “junto às fontes de energia hidráulica e de águas límpidas necessárias às suas diversas operações fabris” (CORRÊA, 1995, p. 53).

Após a instalação no subúrbio, essas fábricas passaram a exercer influência nas áreas em que preferiram ocupar, transformando o modo de vida local e introduzindo novos elementos no espaço e na paisagem suburbana. A instalação em áreas ainda pouco urbanizadas representava a introdução de um símbolo que configurava toda a “ordem e o progresso” fabril chegando a uma região que ainda era vista como rural (CARVALHO, 1990). Esta era a chance de o subúrbio se tornar de fato uma área considerada urbana.

## A Cia. Nacional de Tecidos Nova América

Dentre as novas fábricas criadas, podemos destacar a Cia. Nacional de Tecidos Nova América, introduzida no subúrbio carioca no ano de 1924. Construída no bairro de Del Castilho (antiga freguesia de Inhaúma), a fábrica segue os moldes e formas das antigas fábricas inglesas do final do século XIX e início do século XX, “construída em um modelo arquitetônico caracterizado pela predominância de grandes fachadas em alvenaria de tijolos aparentes, típico do estilo inglês manchesteriano” (KEMPTER, 2012, p. 18). Essas características podem ser observadas na Figura 1.



Figura 1 – A Cia. Nacional de Tecidos Nova América.  
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Após sua criação, a fábrica passou a exercer não somente sua função produtiva, mas também atraiu mão de obra e ainda criou atividades assistencialistas em prol de seus funcionários. A Cia. acabou criando um novo modo de vida no recorte do subúrbio em que estava inserida (Figura 2).

A fábrica de tecidos ali instalada tornou-se não somente a maior fonte de emprego do bairro como, também, o eixo comunitário a partir de onde surgiu uma vila operária, escola, ambulatório, posto policial, áreas de lazer etc. Por volta de 1945, a fábrica tinha em torno de três mil funcionários. A Companhia Nova América dá início, desde os primeiros anos de sua existência, a efetivação de uma política assistencialista voltada para o atendimento das demandas dos trabalhadores nas suas necessidades básicas de sobrevivência junto de sua família: moradia, saúde, educação e lazer. (VIEIRA, 2008, p. 3)

De uma forma mais imponente, a fábrica era um novo elemento na paisagem que representava um símbolo do progresso e da força produtiva na nova era da economia nacional. Contudo, este símbolo não necessariamente era a verdadeira interpretação da fábrica existente para aqueles que viviam em seu cotidiano.

O novo modo de vida imposto pela fábrica tinha um objetivo em especial: uma incessante tentativa de controle socioespacial por parte da administração fabril sobre seus funcionários. Todo o modo de vida e as formas planejadas na fábrica foram criados e pensados para reger a vida de seus operários em busca de maiores e melhores produções. Por este motivo o assistencialismo e as atividades complementares criadas pela fábrica, assim como o seu espaço fabril, foram concebidos sob a lógica do controle socioespacial. Desta forma,



Figura 2 – O novo modo de vida.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

a ação de ordenação do cotidiano desses operários implica não somente a monitoração do tempo e espaço por esses trabalhadores, mas faz-se principalmente pela inculcação de um novo modo de vida adaptado aos métodos e metas estabelecidas pelo trabalho industrial. Esses movimentos caracterizam-se por uma vigilância contínua. (VIEIRA, 2011, p. 8)

Cada ação feita na fábrica era marcada, pontual e planejada, sendo percebida por seus funcionários, que tinham suas vidas regradas e controladas como em uma produção fordista.

Os operários, por sua vez, tinham de ser controlados e moldados pelo ritmo dos teares. Suas vidas pessoais e o cotidiano de suas famílias confundiam-se com o ritmo do apito proveniente da fábrica, muitas vezes proprietária de suas próprias casas e reguladora de seu tempo privado. (...) A fábrica desempenhava a centralidade não só do trabalho, como de poder, controle, disciplina e produção. (PIMENTA, 2007, p. 3)

Apesar de a administração fabril tentar criar sobre a paisagem a ótica de uma fábrica que representava todo o progresso industrial, a mesma representava, para aqueles que viviam em seu cotidiano, um símbolo na paisagem ligado a uma tendência muito mais vinculada a um espaço caracterizado fundamentalmente pela disciplina dos trabalhadores, o que repercutiria diretamente na eficiência do processo produtivo. Era um espaço

“marcado e pensado pela disciplina fabril” (PIMENTA, 2007, p. 7). Na concepção local, a interpretação do progresso sobre as formas da fábrica era deixada de lado, tendo este símbolo na paisagem o papel de representar todo o controle da Cia. de Tecidos Nova América sobre seus funcionários.

Para justificar essa tendência de controle podemos observar que, durante os anos de 1944 a 1953, circulou na fábrica um periódico chamado de “Boletim Nova América”. Esse boletim era produzido pela Associação Atlética Nova América (órgão ligado à administração fabril), revelando alguns dos atos de controle da fábrica sobre os operários. Atualmente este periódico se encontra sob os cuidados do acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

O objetivo do periódico era ser um veículo de comunicação interna feito para os funcionários, orientando-os em suas vidas dentro e fora do espaço fabril. As matérias existentes no boletim visavam demonstrar, de forma objetiva (e algumas vezes subjetiva), quais seriam as ações e atos “certos” feitos pelos funcionários, da mesma forma que buscava apontar quais atos poderiam ser interpretados como errôneos dentro do espaço fabril em sua vivência laboral.

A linguagem utilizada no periódico era bastante próxima do informal, buscando uma maior aproximação com os trabalhadores que eram leitores do mesmo. Desta forma, a matéria de capa do primeiro boletim retrata esta ideia: os redatores do periódico buscam a maior aproximação possível com seus leitores, descrevendo que o periódico seria “um espelho de toda a nossa vida de trabalho” (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1944, n. 1, p. 1).

No interior das páginas do boletim existiam algumas colunas e matérias destinadas diretamente ao controle da vida de seus leitores/funcionários. Dentre as colunas existentes nos primeiros boletins, podemos destacar algumas como a “Departamento Médico”, onde a administração da fábrica demonstrava preceitos a serem seguidos por seus funcionários, como: quais os cuidados que os operários deveriam ter com seus filhos, quais os cuidados na sua alimentação ou mesmo para prevenir certos tipos de doenças. Outra coluna presente nos periódicos era a “Página Feminina”, onde a administração fabril buscava expressar para as operárias quais os cuidados que uma dona de casa deveria ter nos afazeres domésticos, desde o consumo e cozimento de alimentos até os cuidados que deveriam ter com seus filhos e maridos. Já na coluna “Velha Guarda” o objetivo era colher entrevistas com os operários mais antigos da fábrica, que ajudaram a construir a identidade e a história da Cia. Acima de tudo, os funcionários entrevistados nesta coluna eram modelos a serem seguidos por todos os funcionários da Nova América, pois eram ditos como exemplares em suas funções por não causarem problemas e desordens que atrapalhassem a fábrica e a sua produção. Para exemplificar como era feita a construção do “funcionário ideal”, transcreveremos aqui algumas dos trechos das entrevistas existentes na coluna “Velha Guarda”.

Em uma das entrevistas presentes na coluna, um antigo mestre de oficina foi puramente elogiado pelos redatores, já que “nunca provocou a menor agitação durante os vinte anos de trabalho” e que sua aposentadoria foi merecida “como um prêmio a sua atuação exemplar durante os vinte anos de trabalho perfeito” (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1944, n. 2, p. 5), sem se envolver em grandes distúrbios no espaço fabril.

Em outra entrevista com mais um “exemplar” funcionário, o mesmo afirmou durante a entrevista que “jamais sofreu a menor punição, mesmo a de simples advertência” (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1945, n. 3, p. 5), e, para complementar, o mesmo funcionário disse a seguinte frase: “estas costas, porém, a correia nunca lambeu” (BOLETIM NOVA AMÉRICA 1945, n. 3, p. 8). Como pôde ser percebido, em algum momento a fábrica utilizou da violência sobre os funcionários que não faziam o que era mandado. Desta forma, a fábrica buscava nos funcionários mais antigos exemplos que pudessem influenciar seus funcionários mais novos para que estes seguissem o modelo de funcionário exemplar ditado pela Cia.. Assim, a fábrica poderia funcionar tranquilamente, imprimindo sobre seus operários o ritmo de trabalho que desejava.

Permanecendo ainda no boletim, este periódico também apresentava algumas matérias sobre os acidentes de trabalho ocorridos no interior da fábrica. Essas matérias buscavam demonstrar uma certa preocupação da fábrica com sua produção (e não necessariamente com seus funcionários). No boletim n. 3 (1945) está presente uma matéria chamada “Comissão de Prevenções de Acidentes”, na qual a fábrica explicita para seus funcionários que a perda com os acidentados não afetava só a produção fabril, mas também o salário dos trabalhadores. Por este motivo era necessário evitar os acidentes e continuar a trabalhar para não ter perdas econômicas. No boletim n. 5 (1945), a administração da fábrica continuou a intimidação sobre seus leitores, demonstrando como era prejudicada pelos acidentes de trabalho em cada um de seus setores, pressionando seu trabalhador a ter atenção durante os momentos de labor:

Você, por exemplo, colega da tecelagem! – em sua secção, durante o ano findo, foram perdidas a bagatela de 9.378 horas de trabalho (...) se dividirmos estes números em dias de trabalho, chegamos a um resultado curioso: perderam-se durante o ano, que tem 365 o equivalente a 1.172 dias de trabalho... É lógico que só podemos chegar a esse resultado dividindo as horas perdidas por todos os acidentados, na tecelagem, em 1944. (...) três anos e dois meses de completa inatividade! (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1945, n. 5, p. 6)

E prosseguiu, demonstrando quantos dias de trabalho eram perdidos em cada setor da fábrica devido ao afastamento dos operários de suas atividades laborais:

Seguindo a mesma linha de raciocínio para a fiação, achamos 7.760 horas, correspondentes a 970 dias perdidos, que são, por sua vez, equivalentes a dois anos, oito meses e dez dias de afastamento do trabalho! Poderíamos exemplificar, ainda, com a Dobação e a Oficina, onde foram altas as percentagens de acidentados. (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1945, n. 5, p. 6)

A administração não buscou somente reforçar suas perdas em dias de produção no boletim n. 5 como também intimidou os funcionários utilizando das possíveis perdas salariais que os mesmos sentiam ao se acidentarem. Segundo o periódico, “os próprios acidentados sentem o prejuízo que sofrem, quando comparam o que recebem no seguro e o que perceberiam se estivessem trabalhando” (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1945, n. 5, p. 6).

No fim da matéria sobre os acidentes de trabalho, o boletim lança a proposta de um futuro concurso entre os setores para ver qual conseguiria diminuir mais rapidamente o número de acidentes. Os redatores do boletim convocaram os operários para participarem do evento, pedindo aos seus trabalhadores que não esquecessem da norma fundamental para diminuir os acidentes de trabalho dentro do espaço fabril:

Enquanto não é conhecido o seu regulamento, vá, com seu colega mais próximo, preparando-se para ganhá-lo... Basta para tal, que trabalhe atenciosamente, com interesse e sem brincadeiras, pensando na norma que é um escudo contra o “machucado”: quem trabalha com atenção ganha bem o seu feijão. (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1945, n. 5, p. 6)

Se torna interessante pensar o quanto as ações dentro da Cia. de Tecidos Nova América eram ditadas e regradas ao ponto de sustentar suas produções. E nem mesmo as vestimentas dentro das fábricas escapavam aos olhos da administração. No boletim n. 7 (1945), o periódico elogia o uniforme feminino da seção de dobação, se apresentando como uniformes homogêneos, limpos e de aspecto agradável de se ver. Além deste fato, o periódico fez questão de dizer que os uniformes dos setores da fábrica não são pitorescos ou representam qualquer desordem nas vestimentas porque “há, neste particular uma permanente vigilância dos mestres” (BOLETIM NOVA AMÉRICA, 1945, n. 7, p. 6). Essa vigilância, consequentemente, deveria ser utilizada também para outros aspectos no interior no espaço fabril.

A administração da fábrica controlava não só as ações dos funcionários como também impunha seu controle sobre a vila operária existente próxima da fábrica. Esta vila era chamada de Cidade Jardim Nova América e foi construída com a ajuda dos operários, através de respostas aplicadas a um questionário interno distribuído na fábrica, buscando saber quais eram os interesses deles quanto à vila. Esse questionário foi distribuído juntamente com o boletim informativo n. 8 (1945) e as únicas possibilidades de respostas existentes no questionário eram o “sim” ou “não”, o que caracteriza também uma diminuição da liberdade de escolha das características que estariam presentes nesta vila operária.

Após a construção da vila, as casas pertencentes ao local somente poderiam ser alugadas pelos funcionários que se dispusessem a cuidar das formas locais, respeitando algumas regras e exigências por parte da fábrica. Era necessário

além de um comportamento disciplinado no espaço da fábrica, a obediência aos preceitos de higiene e conservação das casas, sob a pena de perda de direito à moradia. Cada morador era responsável pelos danos causados no prédio, e as despesas com os reparos eram descontados do salário. (VIEIRA, 2011, p. 5)

E, como forma de garantir esta preservação, a administração da fábrica possuía pessoas destinadas para esta função, denominadas de “Visitadoras Sociais”. O trabalho dessas visitadoras se resumia praticamente a vistoriar a vila operária e suas dependências. Desta forma, “estabelece-se uma liberdade vigiada, controlada tanto pela presença



regular das visitadoras quanto pela inculcação das normas e valores divulgados” (VIEIRA, 2011, p. 5).

Após todas estas informações expostas e exemplificadas através dos boletins informativos que circulavam dentro da fábrica, podemos perceber que todo o modo de vida operário existente representava um incessante controle socioespacial, buscando controlar o modo de vida de seus funcionários. Isso caracterizou a Nova América (sobre a ótica da paisagem suburbana) não como um símbolo do progresso fabril/industrial presente na cidade, mas como um símbolo que representava todo o poderio que ela impunha sobre seus funcionários para controlá-los das mais diversas formas possíveis.

Assim, a primeira interpretação possível existente da Nova América pôde ser caracterizada como uma “paisagem como labor” (CABRAL; BUSS, 2002), uma paisagem laboral que representa todo o modo de vida e o controle socioespacial existente sobre os operários da Cia. de Tecidos Nova América.

### O Período das Transformações

Em 1991, a fábrica foi desativada, passando sua produção de tecidos para o município de Duque de Caxias, na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Apesar da desativação e do fim das atividades têxteis no local, não houve a retirada de toda a estrutura fabril existente na paisagem, permanecendo suas antigas formas expressas no espaço. Diversos fatores fizeram com que essas formas interessassem a outro tipo de investimento, provocando assim o surgimento de um novo tipo de empreendimento no local: um shopping center.



Figura 3 – A atual paisagem do shopping e suas características.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A fachada da antiga fábrica e suas características foram preservadas. No entanto, novos elementos pertencentes à nova função foram acrescentados na paisagem: letreiros luminosos, grandes slogans de marcas de lojas, anúncios publicitários, outdoors etc., como pode ser observado na Figura 3. Desta forma, a antiga fábrica e suas formas na paisagem passaram a ter um novo papel no subúrbio, se tornando uma rugosidade na cidade.

A paisagem se tornou um testemunho de como era o modo de vida e a cultura local em um período do tempo pretérito, demonstrando como eram “os restos de divisões do trabalho já passadas (...), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas com trabalho” (SANTOS, 2006, p. 92). Com o uso da paisagem local, o novo empreendimento acabou se tornando um sucesso e em menos de 20 anos ocorreram duas expansões que se tornaram “apêndices”, mesclando na paisagem o antigo e o novo, o fabril e o pós-moderno, como pode ser observado na Figura 4.

Com essa nova função toda a paisagem local foi modificada simbolicamente. A modernização do local com as novas expansões fez com que a paisagem passasse a ter uma nova interpretação para aqueles que vivenciam o atual momento da antiga fábrica. Com essas mudanças, o shopping passou a ser um polo atrativo para vários outros empreendimentos como edifícios residenciais e de escritórios, uma franquía de hotéis de luxo e o surgimento de uma universidade integrada ao recente estabelecimento comercial.

O símbolo do controle socioespacial foi modificado, sendo reinterpretado com a ajuda das novas atividades introduzidas na localidade que não são ligadas ao seu pretérito. O antigo símbolo fabril passou então a ser utilizado pelo empreendimento como um resgate do passado da cidade, uma estratégia de marketing utilizando do contexto histórico e cultural local para atrair consumidores.



Figura 4 – A expansão do shopping e uma parte da fábrica.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



Figura 5 – Outra parte da expansão ligando a antiga fábrica.  
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A localização da antiga fábrica também beneficiou nesta nova interpretação. A acessibilidade é um ponto forte desde seu princípio fabril, estando próximo de importantes vias por onde circulam atualmente uma grande quantidade de automóveis. Além disso, existe diariamente um alto fluxo de pessoas no local devido à existência de uma estação de metrô próxima e que está ligada diretamente ao shopping. Esses benefícios acabaram criando uma maior visibilidade na paisagem para o empreendimento, transformando a interpretação deste no contexto suburbano, o que contribuiu para a sua “imagem como negócio”. Comprovando este fato, uma pesquisa de opinião feita por um jornal na cidade do Rio de Janeiro, buscando saber de seus leitores quais são as marcas mais lembradas, apontou o shopping como um dos mais lembrados pelos cariocas. Em 2014, o empreendimento ficou em 4º lugar na pesquisa, e mais recentemente, em 2015, o shopping passou para o 3º lugar<sup>1</sup>. Certamente, a paisagem não foi o único componente apontado pelos leitores para ser lembrado como um shopping de referência, mas a existência deste símbolo na paisagem é algo vislumbrante e exótico que está intrínseco ao conjunto de fatores que favorecem a atual função do local.

A importância da antiga fábrica para a cidade do Rio de Janeiro se tornou bastante visível também durante o último incêndio que a atingiu em fevereiro de 2015. Parte da fábrica foi atingida, causando o desabamento de uma das fachadas laterais pertencentes ao antigo estabelecimento fabril. O resultado foi um grande prejuízo para esta fonte

histórica da cidade. O incêndio ganhou repercussão internacional e o rápido trabalho dos bombeiros em conter as chamas foi internacionalmente reconhecido, indicando a equipe de bombeiros que trabalhou no combate ao incêndio para o prêmio de melhor equipe de bombeiros do mundo<sup>2</sup>.

Outro fato que chamou bastante a atenção durante o incidente ocorrido na antiga fábrica foi a rápida disposição da prefeitura da cidade em recuperar o empreendimento, atuando de forma incisiva para que a antiga fábrica recuperasse as suas partes danificadas pelo incêndio. De forma ligeira, a fachada da antiga fábrica foi reconstruída, sem perder suas características fabris.

Certamente, a importância da antiga fábrica para a cidade é fundamental para entender todas as transformações ocorridas no subúrbio e como este se transformou nas últimas décadas. Por isso, a atuação rápida da prefeitura local em recuperar o empreendimento explica a preocupação em perder este bem patrimonial da cidade.

Para o empreendimento que atualmente está no local, essa estratégia de utilizar as antigas formas de uma construção também é uma maneira de preservar o passado da cidade.

Manter viva a imagem e a identidade dos lugares industriais reafirma o respeito que a população tem pelo seu espaço de moradia e trabalho, regenerando a autoestima esmaecida com o esvaziamento produtivo, e torna esses espaços um lugar digno de preservação. (KEMPTER, 2012, p. 20)

Contudo, deve-se fazer a ressalva de que a preservação de uma paisagem nem sempre visa reafirmar o respeito da população e a identidade local para com o estabelecimento fabril a ser preservado. Neste caso, a população que morava próxima à fábrica era composta basicamente por seus funcionários e familiares que sofreram o controle socioespacial proveniente da antiga administração fabril, como visto anteriormente.

A preservação do passado por certos empreendimentos reafirma o quanto investimentos capitalistas se interessam por antigas formas e símbolos na paisagem, visando resgatar elementos que beneficiem seus empreendimentos em busca de retorno financeiro. Esta nova interpretação da fábrica só foi possível também através de investimentos feitos pelo atual empreendimento, incorporando à antiga paisagem novos elementos antes inexistentes no local (Figura 5), mas que, de certa forma, auxiliaram na reinterpretação desta. De acordo com Corrêa,

A fachada e o interior de um prédio podem ser remodelados, alterando-se a sua iconografia de acordo com a intenção de quem pretende reciclar seus significados sobre o passado, “apagando” a iconografia cuja intenção era a de gerar outra interpretação. Mais do que uma estátua ou memorial, um prédio apresenta uma flexibilidade que permite uma refuncionalização simbólica. Um prédio pode, assim, tornar-se um meio útil para uma política de significados. (CORRÊA, 2007, p. 13)

Apesar da ressignificação da fábrica, não podemos descartar que a atual administração do shopping ainda guarda o passado fabril do local com zelo, já que o empreendimento necessitou e ainda necessita de seu passado como uma forma de garantia de seu sucesso. Todavia, deve-se atentar para um fato: a preservação e o resgate histórico pelo shopping não demonstra todo o passado da antiga fábrica, excluindo informações sobre o controle socioespacial que ocorrera no local.

Para aqueles que frequentam atualmente o shopping, as formas da antiga fábrica criaram uma atmosfera psicológica, tornando a antiga fábrica um território diegético que possibilita vivenciar o passado da cidade dentro de suas instalações. Sendo assim, a paisagem local acabou se tornando uma mercadoria, experimentada e vivida diariamente por aqueles que frequentam o shopping durante suas atividades de lazer e consumo.

Com a introdução do shopping center sobre a atual área suburbana da cidade houve uma reinterpretação na paisagem, substituindo a antiga “paisagem como labor” (CABRAL; BUSS, 2002), ligada a toda a esfera de trabalho, da disciplina e do controle socioespacial imposta pela antiga Cia. de Tecidos, por uma nova interpretação, um novo símbolo na paisagem que representa um novo modo de vida existente na localidade, incorporado ao lazer e ao consumo. Desta forma, a nova interpretação da paisagem se encaixa em um novo tipo de pensamento, descrito pelo termo “paisagem como lazer”, que seria “a apreciação do visitante que enquadra o espaço como local onde as necessidades de lazer em nível de ócio são atendidas” (Ibidem, 2002, p. 52).

Caso o shopping não tivesse rompido com a antiga ideia criada pela própria Cia. de Tecidos, certamente esta modificação de significados não teria ocorrido e o empreendimento local não teria se transformado em um grande entretenimento existente atualmente no subúrbio da cidade. Desta forma, criou-se uma nova cultura em torno da fábrica, a cultura do lazer e do consumo, a cultura que busca atrair cada vez mais pessoas para se sentirem em um ambiente confortável e agraciado pela imagem de um símbolo do passado da cidade.

## O Escapismo Controlado

Apesar da transformação da fábrica em um shopping center, o atual estabelecimento comercial presente no local também possui suas normas de conduta, visando o controle socioespacial daqueles que frequentam o estabelecimento e a consequente preservação de sua imagem enquanto negócio. Sendo assim, a atual função no local possui características que lembram o seu recente passado fabril através de suas normas de conduta.

A ideia de utilizar um código de conduta em estabelecimentos com grande circulação de pessoas, como um shopping center, seria a de demonstrar para seus usuários que eles estariam protegidos, representando “um espaço público, limpo, seguro, livre dos perigos existentes fora de sua área privada e controlada” (CORRÊA, 2013, p. 96).

Entretanto, em dezembro de 2014 as normas de conduta existentes no atual shopping center foram alvo de diversas reportagens jornalísticas por terem algumas exigências bastante polêmicas. Dentre elas podemos listar: “11 – Não estar completamente vestido ou estar usando roupa que possa provocar algum distúrbio ou envolver outros

*grupos ou o público em geral em conflito aberto” e “14 – Vadiar pelo shopping sem motivo específico para estar presente”.*

A norma 11 causou desconforto pelo fato de não existir uma forma de se saber quais vestimentas seriam as mais adequadas para frequentar um estabelecimento como o shopping. Já, a norma 14 foi a mais criticada: afinal, quais ações ou atos poderiam ser interpretados como “sem motivos específicos para estar presente”? Só caminhar pelo shopping observando as vitrines pode ser considerado como um ato ofensivo? De qualquer forma, caso o usuário do shopping não respeitasse essas normas, poderia ser convidado a se retirar do estabelecimento comercial e ser processado.

A norma 14 expressava também uma preocupação do empreendimento quanto aos movimentos sociais chamados de “rolezinhos”. Esses movimentos eram organizados por jovens (através das redes sociais) com o intuito de se reunir em shoppings centers. Esta foi uma prática que se tornou comum na cidade, mas que rapidamente foi reprimida pelos órgãos de segurança pública, pressionados pelos empreendimentos comerciais, já que temiam pela “falta de segurança” que esses movimentos poderiam levar aos seus estabelecimentos.

Após inúmeras críticas e discussões, o código de conduta do shopping foi modificado, o que foi um aspecto positivo e deve ser elogiado. Entretanto, o shopping conseguiu demonstrar que a ideia do labor e do controle fabril ainda permanecem contidas sob as antigas formas da fábrica através de suas normas de conduta recentes. A norma 11 do atual shopping lembra a preocupação que a antiga administração da fábrica tinha com as vestimentas dos funcionários que frequentavam os setores fabris, como descrito neste trabalho anteriormente. Já a norma 14 poder ser interpretada também como vadiar, algo que não era aceito dentro de uma fábrica, ao contrário: era preciso viver no constante labor.

## **Considerações Finais**

Um novo símbolo expresso através da paisagem foi criado com a implementação da Cia. de Tecidos Nova América. Sua antiga interpretação simbólica foi substituída com a mudança de função da fábrica, criando uma nova interpretação desta, se tornando um símbolo do lazer, do consumo e do escapismo contemporâneo. No entanto, não se pode esquecer que a mesma paisagem permanece (em grande parte) com as características primárias da fábrica criada há quase um século atrás.

A mesma fábrica consegue nos ajudar a entender como ocorreram mudanças substanciais na cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas, deixando de ser uma cidade industrializada para se tornar uma cidade ligada ao lazer, à cultura e ao consumo, buscando também o passado para garantir o seu futuro. Uma mesma paisagem consegue nos contar toda essa transformação, por ser um testemunho ainda existente de toda a modificação cultural, histórica e urbana ocorrida no subúrbio carioca.

O controle socioespacial da Cia. de Tecidos Nova América reforçado nos boletins demonstra como a fábrica buscava preservar sua imagem fabril. E o código de conduta do shopping também fez o mesmo ao objetivar a preservação de um símbolo histórico da cidade e a sua imagem enquanto negócio, mesmo que para isso fosse necessário criar regras de conduta socioespaciais para aqueles que utilizam das dependências da antiga

Novas Interpretações nas Paisagens do Subúrbio Carioca: da Fábrica ao Ócio, do Labor ao Lazer  
fábrica nos dias atuais. Em ambos os casos, o controle socioespacial esteve presente, determinando as ações no interior da fábrica.

## Referências Bibliográficas

ABREU, M. A. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2006 – 4. ed., 156p.

BÉRQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultura. In: *Geografia Cultural: uma antologia* (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 239-243.

BESSE, J. M. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 234 p.

Boletim Nova América, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, 20 p. Nov. de 1944.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 2, 20 p. Dez. de 1944

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, 20 p. Jan. de 1945.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 5, 20 p. Mar. de 1945

CABRAL, L. O.; BUSS, M. D. A paisagem como campo de visibilidade e de significação: um estudo de caso. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 47-62, 2002.

CARVALHO, C. D. *História da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secret. Mun. de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1990, 126p.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, 351 p.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. *Revista GEOgraphia*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 7-18, 2007.

\_\_\_\_\_. Formas simbólicas espaciais: o shopping center. In: *Geografia Cultural: uma antologia*. Vol. II. (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, 296p.

\_\_\_\_\_. *O espaço urbano*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995, 87p.

\_\_\_\_\_. Parques temáticos. Uma forma simbólica do capitalismo avançado. In: *Economia, cultura e espaço*. (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 99-113

KEMPTER, E. D. Territórios fabris resilientes: cinco casos a considerar. In: COLÓQUIO L. AMERICANO SOBRE RECUPERAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, VI, Anais, v. 1, p. 1-22, 2012.

OLIVEIRA, M. P. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. X, n. 218 (51), 1 de ago. de 2006. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-51.htm>. Acesso em: 9 jun. 2016.

PIMENTA, R. M. Vozes entre chaminés: memória, narrativa e experiência dos trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro. In: QUARTAS NO ARQUIVO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, Anais, v. 1, 2007, Rio de Janeiro, p. 1-11.

SALLES, S. Shopping do Rio proíbe público de “vadiar” pelas dependências do estabelecimento. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 de dez. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/shopping-do-rio-proibe-publico-de-vadiar-pelas-dependencias-do-estabelecimento-14712013#ixzz3QvpFsAkL>. Acesso em: 3 dez. 2014.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 259p.

VIEIRA, A. L. Intervenções cotidianas em nome do bem-estar dos assistidos: o biopoder nas vilas operárias. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI. Anais. V.1, 2011, São Paulo. Disponível em: <http://www.leddes.uerj.br/wp-content/uploads/2012/09/Texto-AnaLuciaVIEIRA-Anpuh.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Vivências e sobrevivência de operárias e operários da Companhia Nova América no âmbito das assimetrias de gênero e classe social na Era Vargas (1930–1954). In: ENCONTRO ANPUH-RIO: IDENTIDADES, XIII, Anais. v.1., 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212980481ARQUIVO\\_Anpuh-AnaLuciaVIEIRA.pdf](http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212980481ARQUIVO_Anpuh-AnaLuciaVIEIRA.pdf). Acesso em: 29 dez. 2014.

Recebido em: 28/11/2015      Aceito em: 29/12/2015

## Agradecimentos

Agradecimento especial para Larissa Romana de Oliveira Araújo por toda ajuda dada para a revisão e construção do artigo.

<sup>1</sup> Disponível em: <http://infograficos.oglobo.globo.com/economia/marcas-dos-cariocas.html> e <http://infograficos.oglobo.globo.com/rio/as-marcas-dos-cariocas.html>.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://world-of-firefighters.com/vote/>.